



**ENGRENAGEM MISSIONAL:
EIXOS ESTRATÉGICOS PARA A
RELEVÂNCIA DA IGREJA**

*MISSIONAL GEAR: STRATEGIC AXIS FOR
THE RELEVANCE OF THE CHURCH*

Higor Rodrigues Leal⁵¹

⁵¹Especialista em Planejamento e Gestão Pública pela Universidade Estadual da Paraíba. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Paraíba. Graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana. Técnico judiciário - Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba. Professor de Fundamentos de Administração, no MBA em Direito e Gestão Eclesiástica na FABAD/SP. E-mail: higorleal@gmail.com

RESUMO

Na medida em que a igreja existe para pregar o evangelho e ser agência do Reino de Deus na terra, os valores e princípios do Reino precisam brotar no seio da igreja para abençoar as comunidades locais, de modo a sinalizar uma pátria celestial vindoura onde justiça e equidade emanam do trono de Deus sobre os seus filhos e filhas. Por isso, a igreja não pode caminhar de qualquer forma. Pensar e encarar a igreja como uma organização que precisa de planejamento e controle, não retira o caráter espiritual dela, antes a solidifica e impulsiona a atuar de forma segura e coordenada no alcance de sua missão. O apóstolo Paulo procurava estabelecer nas igrejas plantadas uma identidade apostólica doutrinária, sustentada sob o senhorio de Cristo, o cabeça da Igreja. Apesar da simplicidade orgânica, as igrejas fundadas pelo apóstolo não eram desorganizadas. Sua organização era essencial e submissa à revelação de Deus, com forte identidade e uma poderosa consciência de ser o novo “povo de Deus”, com o objetivo de glorificar ao Pai e alcançar o mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja. Missão. Organização. Estratégia.

ABSTRACT

As the church exists to preach the gospel and be an agency of the Kingdom of God on earth, Kingdom values and principles need to spring up within the church to bless local communities in order to signal a coming heavenly homeland where justice and equity emanate from the throne of God over his sons and daughters. Therefore, the church cannot walk in any way. Thinking and facing the church as an organization that needs planning and control, does not take away its spiritual character, rather it solidifies it and drives it to act in a safe and coordinated manner in achieving its mission. The apostle Paul sought to establish in the planted churches a doctrinal apostolic identity, sustained under the lordship of Christ, the head of the Church. Despite the organic simplicity, the churches founded by the apostle were not disorganized. His organization was essential and subject to the revelation of God, with a strong identity and a powerful awareness

of being the new “people of God”, with the aim of glorifying the Father and reaching the world.

KEYWORDS

Church. Mission. Organization. Strategy.

1. INTRODUÇÃO

A igreja é uma das instituições mais antigas do mundo. Há cerca de 2000 anos, Jesus Cristo e os apóstolos fundamentaram a sua doutrina. Porém, ao longo do percurso histórico, a igreja foi sofrendo influência de fatores culturais, ideológicos e de interesses alheios ao evangelho, que contribuíram para que ela se distanciasse do objetivo proposto. O fato é que estamos no século XXI e a igreja precisa retornar constantemente ao foco estabelecido por Deus de propagar o evangelho e ser relevante para o mundo pós-moderno, com todas as suas peculiaridades e problemas graves.

Dessa forma, atualmente, muitas igrejas têm se assemelhado a clubes, onde as pessoas se reúnem semanalmente, mas não fazem diferença nas comunidades onde estão inseridas e acabam por não fazer nenhuma falta para as pessoas que a rodeiam. Diante disso, as questões que suscitam o interesse por essa temática são: Como a igreja deve atuar para fazer sentido e ser relevante no mundo atual? A igreja deve se modernizar ou permanecer como sempre foi? O seu discurso deve mudar pelo fato de vivermos numa época completamente diferente de 2000 anos atrás?

Na tentativa de responder a esses questionamentos, este artigo tem por objetivos apresentar e discutir os três eixos estratégicos – transformacional, organizacional e doutrinário – sobre os quais a igreja deve se solidificar para que tenhamos comunidades de servos e servas fiéis e que fazem diferença em seus contextos para o bem do próximo e, sobretudo, para a glória de Deus.

Assim, pretendemos neste artigo refletir biblicamente acerca da necessidade de as igrejas locais serem relevantes em seus contextos, a partir de eixos estratégicos sobre os quais cada comunidade deve desenvolver sua vida eclesial, tendo por

base conceitos específicos sobre a igreja da teologia paulina para subsidiar a reflexão e pavimentar a estrada sobre a qual a noiva de Cristo deve pautar a sua existência, de forma a ser parte fiel da missão de Deus.

Portanto, este trabalho se subdividirá em três seções. Na primeira seção, trataremos do eixo transformacional, expondo os erros mais comuns das igrejas no aspecto de envolvimento com as suas respectivas localidades, bem como explorando o conceito de igreja transformacional. Na segunda seção, iremos abordar o eixo organizacional, mostrando a importância de a igreja ser encarada como uma organização que precisa ser gerida como tal, para que atinja a sua missão de forma plena. Por fim, exploraremos o eixo doutrinário, mostrando os principais aspectos da teologia paulina acerca da igreja como comunidade local dos salvos em Jesus Cristo.

2. EIXO TRANSFORMACIONAL

É comum encontrarmos igrejas que são acometidas de dois erros igualmente graves: aquelas que se arvoram em ser a detentora da verdade de Deus, porém se fecham e vivem em um mundo paralelo, indiferente aos seus contextos, e aquelas que se transformam em organizações comunitárias, onde se preocupam com questões sociais e vivem sem uma doutrina sólida e fiel às Escrituras. Tal entendimento é referendado por Stetzer e Queiroz (2017) ao preceituarem que:

A igreja de Jesus é chamada de coluna e alicerce da verdade (cf. 1Tm 3.15), mas também de sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5.13-14), entre outras lindas metáforas. Porém, ser coluna e alicerce da verdade sem ser sal da terra e luz do mundo fará de uma igreja apenas a guardiã de uma ortodoxia encastelada, insensível e paralisante, sem vida, sem brilho e sem promover transformações reais na vida de seus membros ou em seu campo missionário. Por outro lado, uma igreja amorosa, socialmente engajada e relevante em seus contextos, mas que esqueceu a sua doutrina bíblica e rendeu-se ao relativismo ético, não passa

de uma ONG do bem, pois será até capaz de promover melhoras na educação, na justiça social, na defesa do meio ambiente e em tantas outras esferas da vida humana, mas não conseguirá contribuir para solucionar a mais catastrófica condição da humanidade, que é seu afastamento do Criador em razão do pecado. (STETZER; QUEIROZ, 2017, p. 19)

Isto posto, podemos entender que a igreja de Cristo deve interferir ativamente em seus contextos, sendo zelosa para com as verdades bíblicas, culminando com o alcance pleno de sua missão.

Torres (2013), ao analisar as principais características do pensamento do grande teólogo John Stott, no tocante à missão da igreja, afirma que este trouxe uma visão equilibrada e bíblica, ao rejeitar os extremos – reduzir a missão da igreja ao evangelismo e transformar a missão em ação social. Como servos, a missão da igreja deve envolver tanto palavras quanto obras, tanto atividade social quanto evangelística, preocupando-se com a doença e fome da alma e do corpo. Dessa forma, evangelismo e ação social são parceiros, complementares, mas independentes.

Ao longo da história da igreja, percebemos momentos de grande crescimento. Entre eles, está o período que vai da igreja primitiva até Constantino, ou seja, até meados do ano 300 d.C. Baseado em Romanos 13.1-7, Carriker (2005) defende, em última análise, que não foi Constantino a razão do crescimento da igreja, que culminou no reconhecimento do cristianismo como religião oficial. Pelo contrário, foi o crescimento e o impacto do testemunho social da igreja que impôs o seu reconhecimento por parte de Constantino, conforme afirma o autor baseado em dados históricos que demonstram a importância da atuação da igreja na transformação do Império Romano até meados de 300 d.C.

Ao contrário do usual, que ignora o contexto em que se encontram os destinatários da epístola, Carriker (2005) sugere que a exortação de Romanos 13.1-7 participa de uma perspectiva contextual subjacente de transformação social, tanto pela participação da igreja nas estruturas da sociedade quanto pela subversão dos valores sociais de privilégio e status. O apóstolo Paulo traz como pressuposto o fato de que Deus, em Cristo, estava criando uma nova humanidade, fazendo com que Paulo, como judeu, entendesse isso como uma composição entre judeus e

gentios. Sendo isso propósito de Deus, anunciado por Isaías e se cumprindo no ministério da igreja, a incumbência do povo de Deus implica que a unidade entre judeus e gentios caracterize seu comportamento interno e externo, tendo em mente que uma comunidade cristã unida e estável seria uma base bem melhor para alcançar os povos do que uma igreja conflituosa e dividida entre si.

Romanos 13.1-7, portanto, é uma exortação que objetiva estimular os cristãos a participarem do mundo, guiando a igreja em um processo de transformação social que depende de envolvimento missionário, entusiasmado e engajado nas estruturas da sociedade romana. Nesse período, conforme o estudo de Carriker (2005), os dados do crescimento da igreja alcançaram uma média de 40% por década, concentrando seus picos de crescimento justamente em situação de duas graves epidemias (varíola e rubéola), ocasiões em que a atuação sacrificial e missionária da igreja foi fundamental para a disseminação dos valores cristãos.

Nessa perspectiva, o caráter transformacional deve ser marca da igreja de Cristo. Stetzer e Queiroz (2017) ensinam que uma igreja transformacional não é simplesmente uma igreja boa ou uma igreja que faz coisas boas. Também não é uma igreja que oferece boas programações, pregações e louvor excelentes aos seus membros. Uma igreja transformacional dedica-se, intencionalmente, na capacidade do evangelho de mudar pessoas e comunidades. Esse tipo de igreja vê resultados apropriados para o seu contexto e detém os valores corretos que apoiam a missão transformadora, pois enxergou que a transformação é muito mais do que uma estratégia eclesialística coerente. Portanto, segundo os autores, igreja transformacional não é só um grupo de pessoas que acreditam que o cristianismo seja a escolha correta e que ele oferece uma maneira melhor de viver, mas é a comunidade da aliança que se apegua ao firme fundamento de que Deus vai mudar radicalmente vidas e comunidades inteiras pela força do seu poder que opera nela e através dela.

Nesse sentido, Keller (2014), partindo de reflexões sobre a necessidade de os cristãos serem comprometidos com o bem estar de suas localidades, ensina que os cristãos devem trabalhar pela paz, segurança, justiça e prosperidade de seus vizinhos, amando-os em palavras e obras, quer creiam, quer não creiam nas mesmas coisas que nós. Em Jeremias 29.7, Deus chama os judeus

não só a viver na cidade, mas a amá-la e a trabalhar por seu *shalom* – seu abundante desenvolvimento econômico, social e espiritual. Na verdade, os crentes são cidadãos da cidade celestial de Deus, mas esses cidadãos são sempre os melhores cidadãos possíveis de sua cidade terrena. Caminham nos passos daquele que entregou a vida por seus adversários.

Dessa forma, uma igreja alheia ao seu contexto significa, antes de tudo, uma igreja que não compreendeu um aspecto visceral da sua missão – ser uma comunidade viva, que existe para, intencionalmente, abençoar suas localidades, fazendo brotar frutos da justiça do reino de Deus ao seu redor.

3. EIXO ORGANIZACIONAL

A esfera evangélica carece de um planejamento eficaz. Temos visto, ao longo dos anos, a criação de uma ideia, no meio evangélico, de que qualquer planejamento e organização maior, no tocante ao Reino de Deus, seria uma camisa de força inadequada ao caráter espiritual da igreja. Por sua vez, o medo justificado de cair em uma frieza resultou numa espécie de vale tudo espiritual, onde qualquer ação, ornamentada por superficial fundamentação bíblica, é admissível na vida da igreja, até mesmo em sua missão. Nessa perspectiva:

Já nos avisa a escritura sagrada que os descrentes são, de muitas maneiras, mais sagazes e sábios que os crentes. Temos observado as organizações “seculares” se concentrarem no planejamento e na organização enquanto nós, no campo evangélico, abrimos mão de toda esta capacidade que nos foi dada por Deus. Uma empresa raramente realiza uma reunião sem antes existir um planejamento sobre os objetivos, a duração e os meios de demonstração, enquanto que em nossas igrejas achamos que essas coisas necessitam apenas de um planejamento mínimo. Uma organização secular quase nunca embarca em uma atividade ou programa sem antes avaliar todos os ângulos, sem colocar responsáveis definidos com delegação de poderes claramente

delimitada e com algum tipo de acompanhamento da própria execução. (PORTELA NETO, 1996, p. 2)

Os líderes costumam esquecer que a igreja é uma organização e, como tal, precisa ser gerida de forma correta para que cumpra a sua missão de forma plena. Sob o medo de comprometer a espiritualidade da igreja, ignoramos o seu caráter organizacional, comprometendo a participação na missão que Deus está realizando no mundo.

Lima (2014) nos remete ao trabalho realizado por Tito ao receber a recomendação do apóstolo Paulo para que permanecesse em Creta durante um certo tempo para organizar o trabalho plantado, conforme Tito 1.5. Nessa perspectiva, Schreiner (2015) ensina que as igrejas paulinas foram carismáticas, mas também foram estruturadas. Carisma e estrutura não são mutuamente excludentes, de forma que a dependência do Espírito não exclui a organização.

De acordo com Portela Neto (1996), a escritura nos mostra pelo menos dois aspectos acerca do planejamento. O primeiro deles é que planejamento e organização possuem base bíblica. O próprio Deus planejou e executou o seu plano (Isaías 46.9-11); o homem deve procurar estabelecer metas e visualizar as suas ações antes destas ocorrerem (Provérbios 13.19; 16.9); Moisés experimentou a sobrecarga da desorganização administrativa quando centralizou tudo em torno de si mesmo, tendo sido orientado por Deus mediante o conselho de Jetro (Êxodo 18.13-26). O segundo aspecto diz respeito ao fato de que qualquer planejamento tem que ser executado sob a conscientização da soberania de Deus sobre todas as coisas. Facilmente, podemos ser levados a uma interpretação equivocada de Tiago 4.13-16. Todavia, uma leitura atenta nos mostra que não é errado planejar, mas sim fazê-lo supondo que Deus esteja ausente do processo como um todo. Tendo a real consciência da nossa limitação e crendo que as coisas que planejamos ocorrerão de acordo com a vontade de Deus, nós podemos e devemos planejar nossas ações.

Porém, não se pode abrir mão das diretrizes bíblicas para se modernizar. A modernidade trouxe modelos de planejamento e organização voltadas para os resultados, ou seja, validando os métodos de acordo com o resultado obtido,

desconsiderando as convicções bíblicas a respeito das ações da igreja, sobretudo quanto à evangelização e o crescimento das comunidades locais. É preciso buscar o profissionalismo das ações administrativas da igreja, sem comprometer a sua fidelidade às escrituras sagradas. Tal medida nos levará a desenvolver comunidades cada vez mais fortes e incisivas no cumprimento da nossa missão.

4. EIXO DOUTRINÁRIO

Ao nos depararmos com os relatos neotestamentários acerca da igreja, somos levados a enxergar uma instituição simples, eficaz e completamente livre da burocracia, concentrada integralmente na prática dos pilares da fé: doutrina, comunhão, oração e crescimento (Atos 2.42-47). Em contraponto, podemos identificar dois modelos de igrejas que alcançam certo destaque em nossos dias: igrejas hiperorganizadas e igrejas “livres”. Na estrutura hiperorganizada, a igreja local acaba refém do modelo imposto pela igreja fundadora. Por sua vez, as chamadas igrejas “livres ou emergentes”, apesar de levantarem a bandeira da importância da identidade da igreja local, acabam por tratar a organização de maneira tão informal que resultam na perda de características básicas de uma igreja à luz do Novo Testamento (LIMA, 2014).

Ao nos remeter à teologia paulina, Lima (2014) lembra que o apóstolo Paulo, em suas cartas, desenvolve suas doutrinas para igrejas locais, ou seja, traz recomendações para situações específicas de cada comunidade. Todavia, Paulo não considera apenas o aspecto local, mas também o caráter universal da Igreja – povo de Deus, trazendo postulados gerais para a organização das igrejas locais. Tais orientações estão expostas, principalmente, no uso da metáfora do corpo na definição de igreja. O apóstolo evidencia a importância da divisão de funções para um bom andamento da igreja, de forma a fomentar o cumprimento de sua missão e glorificar a Deus, conforme podemos enxergar nas cartas aos coríntios e aos efésios.

A figura de Cristo é central na teologia de Paulo. Corroborando esse entendimento, Lima (2014) afirma que é somente em Cristo que a igreja, como corpo, encontra toda a sua capacidade para crescer e para desenvolver suas funções,

recebendo assim uma direção única para funcionar como entidade coordenada. A igreja deve crescer em Cristo, que por sua vez ajusta e consolida o corpo entre si, de modo que o corpo como um todo produz crescimento de si mesmo. Todavia, os instrumentos utilizados pelo cabeça – Cristo – para que o corpo cresça são os próprios membros do corpo, com destaque para as funções de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Efésios 4.11). Logo, a organização formal da igreja é vital para o seu crescimento, tanto no aspecto numérico quanto na coesão e unidade. O papel da liderança formal não está contra o princípio do senhorio de Cristo, antes o consolida e dá condições para que Jesus faça sua igreja crescer como corpo.

Ao refletir acerca da igreja como corpo, Schreiner (2015) evidencia o aspecto da unidade como sendo determinante na compreensão dessa metáfora. Dessa forma:

A diversidade do corpo é apontada e determinada por Deus. A diversidade da igreja não é contrária a sua vontade, e sim expressão dela. Por definição, um corpo consiste não de um, mas de vários membros. Se alguns membros da igreja são tentados a se exaltar achando que são superiores a outros, estão infelizmente enganados. As várias partes do corpo são necessárias para que ele funcione corretamente, pois Deus constituiu o corpo como um todo unificado. Essa unidade se manifesta no cuidado de um pelo outro, de modo que todos participem da alegria ou da dor dos outros. Desse modo, Paulo faz com que se lembrem que são corpo de Cristo e, portanto, membros uns dos outros. (SCHREINER, 2015, p. 308)

A compreensão da igreja como sendo um corpo é fundamental para um entendimento assertivo sobre a unidade e a coesão da comunidade local. Um corpo trabalha em prol de objetivos comuns e busca as melhores condições para potencializar as especificidades de cada membro. O objetivo de cada ação é glorificar a Deus e edificar uns aos outros, de forma que cada membro cresce em conformidade com o caráter do cabeça, Cristo.

Outro aspecto fundamental na teologia paulina a respeito da igreja, refere-se ao ensino inegociável das sagradas escrituras. Schreiner (2015) vai ressaltar que uma igreja firme e unida não será abalada a cada vento de doutrina. A unidade requerida da igreja a fortalece na verdade para enfrentar os ataques dos falsos ensinamentos. Tal unidade só será alcançada quando a igreja for fiel à verdade do evangelho. Assim, a unidade é requisito indispensável ao seu crescimento. Na teologia paulina, não há espaço para quem proclama a unidade, mas menospreza a verdade, nem para quem valoriza a verdade, mas negligencia a importância da unidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise de identidade enfrentada pela igreja nos faz voltar às bases estabelecidas por Cristo e sustentadas pelos apóstolos. Na medida em que a igreja existe para pregar o evangelho e ser agência do Reino de Deus na terra, os valores e princípios do Reino precisam brotar no seio da igreja para abençoar as comunidades locais, de modo a sinalizar uma pátria celestial vindoura onde justiça e equidade emanam do trono de Deus sobre os seus filhos e filhas. Por isso, a igreja não pode caminhar de qualquer forma. Pensar e encarar a igreja como uma organização que precisa de planejamento e controle, não retira o caráter espiritual dela, antes a solidifica e impulsiona a atuar de forma segura e coordenada no alcance de sua missão. O apóstolo Paulo procurava estabelecer nas igrejas plantadas uma identidade apostólica doutrinária, sustentada sob o senhorio de Cristo, o cabeça da Igreja. Apesar da simplicidade orgânica, as igrejas fundadas pelo apóstolo não eram desorganizadas. Sua organização era essencial e submissa à revelação de Deus, com forte identidade e uma poderosa consciência de ser o novo “povo de Deus”, com o objetivo de glorificar ao Pai e alcançar o mundo.

Esta pesquisa se reveste de elemento norteador para um ministério saudável, centrado no evangelho, que não fecha os olhos para a necessidade de coordenar esforços e atuar de forma intencional para abençoar contextos, bem como encarar a igreja como organização que necessita de planejamento e coordenação para executar as suas ações e projetos, sem esquecer de basear a comunidade local nas doutrinas apostólicas, com o intuito de glorificar a Deus e fazê-lo conhecido até os confins da terra.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Almeida Revista e Atualizada (ARA) no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- CARRIKER, T. A missão social da igreja: desde Romanos 13.1-7 até Constantino. **Teologia e sociedade**. vol. 1, n. 2, p. 38-49, dez. 2005. Disponível em: http://teologiaesociedade.org.br/assets/teosoc_02.pdf Acesso em: 29 maio 2020
- KELLER, T. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- LIMA, L. A. Identidade e organização da igreja na teologia de Paulo. **Fides Reformata**. vol. 19, n. 1, p. 123-133, jul. 2014. Disponível em: http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_35/artigos/257.pdf Acesso em: maio 2020
- PORTELA NETO, F. S. Planejando os rumos da igreja: pontos positivos e crítica de posições contemporâneas. **Fides Reformata**. vol. 1, n. 2, p. 45-62, dez. 1996. Disponível em: http://www.mackenzie.br/CPAJ/revista/VOLUME_1__1996__2/planejando.pdf Acesso em: 20 maio 2020
- SCHREINER, T. R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- STETZER, E.; QUEIROZ, S. **Igrejas que transformam o Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
- TORRES, C. R. John Stott: evangelicalismo intelectual, social e cristocêntrico. **Revista Theos**. vol. 8, n. 2, p. 34-48, dez. 2013. Disponível em: http://www.revistatheos.com.br/Artigos/2013_12/2_John_Stott_Clicio.pdf. Acesso em: 20 maio 2020